

Meu Tipo Inesquecível



CARMEN MENDEZ

EU AINDA era uma tímida e desajeitada garota guatemalteca de 15 anos, mal saída do ginásio, quando, naquela manhã de junho de 1922, me pus a caminho do Hospital Americano da Cidade da Guatemala. Tinha ouvido dizer que ali poderia encontrar trabalho. Enquanto viajava na carroça puxada a mula, eu imaginava o imponente edifício dirigido por missionários, e preparei-me para encará-los com a maior naturalidade que me fosse possível.

Quando cheguei ao «hospital», surpreendi-me ao só encontrar fragmentos de pedra solta — tudo o que um terremoto tinha deixado de um pequeno edifício construído pelos presbiterianos. Um homem baixo e franzino, envergando velhas roupas de trabalho, me cumprimentou entre as ruínas. Tinha uns 30 anos, 1,70 m de altura (contando com o topete de cabelo preto) e não pesava mais do que 50 quilos. Um franco sorriso, era o que mais se salientava nele.

Pensando que ele talvez fosse um funcionário do hospital, decidi lhe perguntar: «A quem devo me dirigir para tirar o curso de enfermagem? Meu pastor diz que essa é uma ótima carreira.»

«Acho que deve se dirigir a mim», respondeu ele com ar de falsa modéstia, não se importando sequer com seu fraco espanhol, carregado de sotaque americano. Seus olhos azuis piscavam: «Sim, é verdade. Pode alguém ter carreira melhor e mais satisfatória do que servir no campo médico-missionário, onde a necessidade é tão grande?»

Assim, logo no meu primeiro encontro com o Dr. Charles Albert Ainslie, ouvi sua receita favorita para alcançar uma vida bela e feliz — a fórmula que iria fazer dele um dos mais empreendedores e mais queridos pioneiros da medicina na Guatemala. Então, me apresentou à sua esposa e enfermeira-chefe, Dona Ruth. Discretamente, falaram-me de seus planos, tremendamente ambiciosos, de construir um hospital moderno, que oferecesse serviço médico completo a toda gente (a Guatemala não possuía nenhum hospital desse gênero), e de abrir uma escola para diplomar enfermeiras. Contagiada por seu entusiasmo e espontânea confiança, ofereci-me como sua primeira estudante de enfermagem.

Sonhos impossíveis. O curso técnico em que me lançaram era difícil, e, em breve, eu estava pensando de modo diferente. Nessa época, as moças «direitas» guatemaltecas preferiam constituir família a seguir uma car-

reira. Além disso, eu pensava para comigo no que aqueles dois bondosos sonhadores poderiam conseguir realmente. A grande maioria dos quase três milhões de habitantes da Guatemala estavam tão subalimentados e com tanta falta de assistência médica que seis crianças, em cada dez, morriam antes dos cinco anos. (Oito de meus irmãos e irmãs haviam falecido antes de eu os conhecer.) Em média, o adulto guatemalteco não alcançava os 50 anos. Em face de tudo isto, que poderíamos fazer nós num edifício em ruínas? Confessei minhas dúvidas ao Dr. Ainslie.

«Ah!», exclamou ele. «Vejo que está se deixando fascinar por este trabalho; de outro modo, não estaria tão preocupada.» Seus olhos argutos penetravam nos meus. «Carmen, você quer ser feliz? Então pare de sofrer com as coisas em que nada pode fazer, que não pode modificar. Em vez disso, concentre-se naquilo que *pode* fazer, que *pode* modificar, precisamente aqui neste seu cantinho!»

Seria um programa monótono? Não da forma como o Dr. Charlie o vivia. O Departamento das Missões Estrangeiras tinha-lhe dado apenas 400 dólares para o novo hospital, e no entanto, tendo ele próprio tomado a iniciativa de construir o edifício, em poucos meses já havia terminado duas salas. É verdade que estas não tinham portas nem vidraças nas janelas, e o chão era de terra batida, mas só naquele primeiro ano ele tratou, numa delas, de 150 doentes; na outra, que era a sua «clínica», examinou 3.800 doentes externos. As

instalações improvisadas também duplicaram, assim como a pequena escola em que Dona Ruth começou lecionando para nossa primeira classe de estudantes de enfermagem — três outras moças e eu.

Finalmente, nós quatro completamos o curso de três anos e meio, e nos formamos como enfermeiras diplomadas. Nossas atividades, de início, eram bastante criticadas, principalmente por pessoas mal intencionadas, que achavam que quaisquer moças que prestassem assistência a homens acamados tinham forçosamente de ser vagabundas destinadas à perdição. Num vibrante discurso, o Dr. Charlie fez-lhes ver a realidade. «As boas enfermeiras», proclamou ele, «são tão importantes como os bons médicos para o bem-estar e a recuperação dos doentes.» O discurso do doutor marcou o início de novo prestígio para a profissão de enfermeira através de toda a América Central.

Minha primeira nomeação, aliás aquela de que mais gostei, foi como enfermeira da sala-de-operações. Ali, o médico se sentia em seu ambiente, executando a maior parte de nossas 700 operações importantes anuais. Como era um cirurgião brilhante e imaginativo, ele talvez pudesse ter se tornado famoso em sua especialidade de operações abdominais. Contudo, as necessidades de nossa população exigiam que fosse aquilo que ele ironicamente chamava de «um especialista em assuntos gerais». Implorando proteção divina em suas orações, ele fazia operações no cérebro, extraía tumores e cataratas, e

reduzia fraturas pela técnica então recente de usar cavilhas de osso em vez de cavilhas de aço. Além disso, como as cáries e dores de dentes eram das principais enfermidades na Guatemala, ele estava fazendo extrações aos milhares.

«**Clínicas» no interior.** Em 1934, o hospital estava finalmente concluído — um belo edifício com 80 leitos, abrangendo quase um quarteirão. Era o primeiro hospital da Guatemala a oferecer serviços completos de cirurgia, medicina e obstetrícia, tanto a doentes particulares como aos das enfermarias. Milionários ou pobres, protestantes, católicos ou macumbeiros, quem ali fosse internado recebia o melhor tratamento. Nos 35 anos que o Dr. Ainslie esteve como diretor do hospital, foram tratados 41 mil doentes internos, 372 mil externos, operados mais de 5 mil doentes de grande-cirurgia e diplomadas mais de 250 enfermeiras, que ainda hoje constituem a «espinha-dorsal» do corpo de enfermagem da Guatemala.

Logo que o hospital começou a funcionar normalmente, o doutor, pioneiro no tratamento de doenças cardíacas, passou a instalar «clínicas» de emergência no interior, por vezes em áreas onde ele era o primeiro médico que os índios jamais tinham visto. Viajávamos num velho caminhão de três eixos, que o doutor tinha conseguido arranjar; nos locais onde terminavam as estradas, continuávamos em mulas ou a pé.

O doutor, como bom psicólogo, sabia que não deveríamos oferecer gratuitamente nossos serviços, e ex-

plicava: «Os índios pensariam que aquilo que nada custa nada vale.» Assim, cobrava dez centavos por consulta normal e 25 centavos por consulta de dentes, quer extraísse um ou 20 dentes (a média era de oito por doente).

Nas imediações de cada posto, logo se espalhava a notícia de que o tipo de «magia» que o *Brujo* (Curandeiro) Ainslie praticava valia mais do que o preço que ele cobrava, e os doentes afluíam. No primeiro dia de consulta em cada novo posto, o doutor examinava e tratava cerca de 30 casos de diagnóstico (300 para cada dez dias de consultas), e, além disso, extraía dentes a mais 80 pacientes.

Ensinava também os missionários e os fazendeiros a reconhecerem os sintomas e a darem tratamento básico aos principais padecimentos que atormentavam a região — subalimentação, anemia, ancilostomíase, malária. Graças ao doutor, grande número de pregadores e de capatazes das zonas selvagens possuem hoje bons conhecimentos de enfermagem e medicina elementar.

Lutando com a dor. Assim foram passando os anos, enquanto o Dr. Charlie ia conseguindo notáveis progressos em nossos problemas sanitários. Naturalmente, ele não fazia a menor idéia de que seus colegas na longínqua Europa estavam aprovando esses seus progressos. As boas novas chegaram pelo correio, em certa manhã de 1943 — um envelope vindo de Genebra contendo um diploma redigido em francês, proclamando que o Dr. Charles Albert Ainslie tinha sido

eleito membro do restrito Colégio Internacional de Cirurgiões.

O doutor não se preocupou em desfrutar essa glória. Embora já com 52 anos, preferiu alistar-se na marinha, como comandante da reserva. Durante os dois anos e meio que se seguiram, foi o principal oficial médico na base naval norte-americana em Corinto, Nicarágua, onde, dirigindo clínicas para civis necessitados, se tornou um eficiente e bastante popular «embaixador da boa-vontade».

Na época em que o doutor voltou para a Guatemala, eu tinha deixado a profissão de enfermagem, para me casar, mas continuei tão ligada aos Ainslies como a membros de minha própria família. Soube que, em 1957, o Dr. Charlie se aposentou do cargo de diretor do hospital e de todas as outras atividades missionárias oficiais. Contudo, durante mais de uma década, ele e Dona Ruth ainda trabalharam juntos, onde sentissem que podiam fazer algo que fosse mais necessário — no Novo México, Porto Rico, Nicarágua e, outra vez, na Guatemala.

Quando o Dr. Charlie estava com 80 anos, agravou-se a arteriosclerose cerebral de Dona Ruth. Quase inconsciente, ela teve de ser internada numa casa-de-saúde. O doutor lutou contra a própria dor e saiu vitorioso. «Ela desejava que eu continuasse por ambos», confessou ele. Começou trabalhando na Clínica Cristã para os índios mam, próximo de Quezaltenango. Este posto médico (um dos muitos que ele tinha ajudado a instalar) fica a um dia de viagem de sua casa na

Cidade da Guatemala. Durante algum tempo, o doutor ia lá em seu próprio carro, todas as semanas; depois, passou a fazer a penosa viagem de ônibus, de 15 em 15 dias. Agora, com 83 anos, *ainda* continua fazendo esse trajeto, quando sente coragem para isso.

Alegria de viver. Hoje, a Guatemala possui 81 hospitais, 79 centros de saúde regionais e 350 postos de primeiros-socorros. Assim mesmo, tal como acontece na maior parte dos países, durante os anos mais próximos ainda teremos grande escassez de pessoal médico, principalmente nas áreas rurais. Isto espanta o Dr. Charlie. «Você sabe, Carmen», me disse ele recentemente, «hoje em dia, a gente vê tantas pessoas (inclusive muitos médicos, suponho) que parecem não tirar prazer algum da vida!» O doutor começou a caminhar de um lado para o outro, medindo a passos o assoalho. «Não consigo compreender isso. Ora, precisamente aqui, em nosso pequeno país, temos grande necessidade

de dar trabalho (e proporcionar felicidade) a muita gente que poderia desfrutar melhor a vida fazendo bem aos outros!»

O doutor estava se restabelecendo de uma operação na próstata e de um ataque de gripe, e eu o tinha achado débil e cansado. Agora, aquele brilho de outros tempos estava voltando a seus olhos. «Pense só», ele continuou, «em todos os doentes que não são devidamente tratados porque um médico já gasto (*eu!*) não está presente.» Apanhou sua surrada pasta preta. «Não tinha reparado como estou me sentindo melhor», disse ele. «Se me apressar, ainda posso pegar o ônibus para Quezaltenango. Você vai me desculpar...»

Com uma risadinha, o doutor saiu, e eu fiquei tentando pôr alguma ordem na confusão de frascos de remédio (os mais modernos antibióticos) sobre a mesa. Sorri, sabendo que ele certamente ainda optaria por medicamentos mais antigos — e melhores!



AVISO numa loja de Walton-on-Thames, Inglaterra: «A fim de prestar um bom serviço aos nossos fregueses, esta filial será fechada todas as quintas-feiras o dia inteiro.» — *Funny Convulsing and Funny Confusing*

AVISO num parque de safári: «Aos visitantes que atirarem lixo para dentro do poço dos crocodilos será pedido que vão buscá-lo.»

— *Post*, de Yorkshire, Inglaterra

GAROTO no cercado, ao companheiro do lado de fora: «Estou outra vez na solitária.»

— *Daily Mirror*, de Londres

FAZENDEIRO para amigo, enquanto um jato supersônico passa barulhentosamente por cima: «Leonardo da Vinci é que entendia de aviões — desenhou-os, mas nunca os construiu!»

— *Punch*, Inglaterra